

3

DONA AUSENDA

(Versão garretiana — MINHO)

A' porta de Dona Ausenda
 Está uma erva fadada,¹
 Mulher que ponha a mão n'ella
 Logo se sente pejada.
 Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda,
 Em má hora desgraçada:
 Assim que pôs a mão n'ella,
 Logo se sentiu pejada.²
 Vinha seu pae para a mesa,
 Veiu ella muito apressada
 Para lhe dar agua ás mãos,
 Como filha bem criada.
 Pôz-lhe elle os olhos direitos,
 Ella fez-se mui corada.

— Que é isso, Dona Ausenda?
 Voto a Deus que estás pejada.
 «Não diga tal, senhor pae,
 E' da saia mal talhada;
 Que eu nunca tive amores
 Nem homem me deve nada.

Mandou chamar dois xastres³
 Que tinham mais nomeada:

— Vejam, me esta saia, mestres,
 Aonde está ella errada?

¹ Cresce uma erva fadada — *Alentejo*.
² Sentiu-se logo prenada — *Alentejo*.
³ Alfaiates.

Olharam um para o outro:
 — «Esta saia não tem nada;
 O erro que ella tem
 E' a menina estar pejada.
 — Confessa-te, Dona Ausenda,
 Que ámanhã serás queimada.
 «Ai triste da minha vida,
 Ai triste de mim, coitada!
 Sem nunca ter tido amores,¹
 Vou a morrer deshonorada!

Foram chamar o ermitão²
 Da ponte da Alliviada;
 Era um fradinho velho,
 Que o encontraram na estrada.
 Mal o frade chega á porta,
 Deitou-se á erva fadada,
 Cortou-a pela raiz,³
 Na manga a leva guardada:

— «Ajoalhae, Dona Ausenda,
 Que a vossa hora é chegada;
 Confessae o vosso peccado
 A Deus e á Virgem sagrada.
 «Padre, eu nunca tive amores,
 Nem homem me deve nada;
 Más artes são do demonio
 Vêr-me eu donzella, e pejada!⁴
 — «Ha quanto tempo, senhora,
 Vos sentis embaraçada?

Sem nunca saber de amores — *Extremadura*.
 Foram buscar confessor.
 A' ermida da Alliviada — *Extremadura*.
 Arranca raiz e tudo — *Alentejo*.
 E prenada — *Alentejo*.

«Os nove mezes faz hoje
Que ali n'aquella ramada,
Na noite de San João,
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flôres
E da erva rociada,
Sentia-me eu tão ditosa,
Tão feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena
Quando veiu a madrugada.

— «Tomae agora esta erva,
Que é uma erva fadada:
Com a benção que eu lhe deito¹
Ficará erva sagrada.

— «Ai! este cheiro, meu padre,
É o que senti na ramada.

Não disse mais Dona Ausenda,
Do somno ficou tomada.
Virtude tinha aquella erva,
Outra virtude fadada:
Mulher pejada que a toque,²
Logo fica despejada.
Alli, sem mais dôr nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança,
Bem nascida e bem medrada.
Metten-a o frade na manga.
Foi-se sem dizer mais nada.
Já desperta Dona Ausenda,
Já se sente alliviada;
De tudo quanto passou¹

¹ Com as rezas que eu rezo — *Extremadura*.
² Mulher que ponha a mão n'ella,
Se está prenhe, é desprenhada — *Alentejo*

Apenas está lembrada:
Um máo sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,
Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais ricas,
Sua saia mais bem tallada,
Foi-se encontrar com seu pae
Que estava na alpendurada¹
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada:

«Senhor pae, aqui me tendes
Já disposta e confessada;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.

O pae, que a mira e remira
Tão esbelta e bem pregada,
O seu corpo tão gentil,
Sua saia tão bem tallada:

— Que feitiço era este, filha,
Com que estavas embruxada?
Como se desfez o encanto,
Que te vejo tão mudada?
«Fosse elle poder de encanto,
Ou condão de erva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.
— Metade de quanto eu tenho,
Ametade bem contada,

¹ Alpendre cuberto, á entrada da casa.
ROMANCEIRO GEPAL PORTUGUEZ — II vol.

A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.

Palavras não eram ditas,
O ermitão que chegava: ¹

— «Accito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda.
E m'a daes por desposada.

Riram-se todos do frade;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o habito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e de espada, ²
Era o conde Dom Ramiro
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôz a mão na erva fadada!

1

Assomava — *Alentejo*.

2

Vestido de capa e espada — *Extremadura*.